

CONGRESSO BATE RECORDE DE PÚBLICO: MAIS DE 1.700 PESSOAS PASSARAM PELA BIENAL DE SP

Robert van Dijk destaca as prioridades para a agenda de fundos, como mudanças na tributação

Henrique Meirelles defende a urgência na aprovação da reforma da previdência

A importância do mercado de capitais para o financiamento da infraestrutura é o mote do discurso de Dyogo Oliveira

Carlos Ambrósio e Flavio Souza discutem o caminho para a evolução da indústria de fundos

Denise Pavarina debate a inclusão de risco ambiental nas análises de investimento

Especialistas discutem como as fintechs impactarão os atuais modelos de negócios

CONGRESSO DISCUTE TEMAS QUE IMPACTAM MODELO DE NEGÓCIOS DA INDÚSTRIA

A nona edição do Congresso ANBIMA de Fundos de Investimento, que aconteceu nos dias 10 e 11 de maio, inovou na estrutura e na realização de encontros simultâneos, contando com uma rica programação com debates sobre aspectos relevantes da indústria de fundos.

Autoridades prestigiaram o congresso, como o ministro da Fazenda, Henrique Meirelles; do Planejamento, Desenvolvimento e Gestão, Dyogo Oliveira; e o presidente da CVM, Leonardo Pereira. Nosso presidente, Robert van Dijk, discursou na cerimônia de abertura, enfatizando os temas prioritários para a agenda da indústria de fundos, como a necessidade de mudanças na tributação e na regulação do setor. Robert defendeu o fim do come-cotas e um conjunto de regras tributárias simples, coerente e simétrico. Ele reconheceu a importância de o governo utilizar mecanismos de isenção fiscal para fomento setorial, mas defendeu que tenham objetivos e métricas de avaliação claras e prazos definidos.

Robert também falou sobre a necessidade de mudanças na carga regulatória do setor, de forma a ajustá-la ao objetivo e responsabilidade de cada agente. "Precisamos avaliar aprimoramentos na regulação de forma a alcançarmos uma relação mais equânime entre a atividade exercida por gestores, administradores, distribuidores e custodiantes e a carga regulatória atribuída a cada um deles", defendeu.

A reforma da previdência e seus reflexos no ambiente de negócios ocuparam boa parte do discurso do ministro Meirelles. Além de defender a urgência na aprovação da medida, ele associou a busca de um novo modelo previdenciário a uma série de efeitos secundários, como maior capacidade

de investimento e potencial para queda dos juros. O ministro ressaltou a necessidade de reduzir o peso do Estado na economia, abrindo caminho para a iniciativa privada recuperar o seu papel estratégico como financiadora do crescimento. "Reduzir o peso do Estado e avançar nas reformas da previdência e trabalhista vão ajudar a melhorar o ambiente de negócios e a elevar a taxa potencial de crescimento", disse.

A importância do mercado de capitais para o financiamento dos projetos de infraestrutura foi abordada pelo ministro do Planejamento. "A captação nos primeiros meses do ano é uma notícia ótima. Precisamos avançar na direção de um portfólio maior e de títulos mais longos de maturação. A participação da indústria de fundos é importante para o segmento de infraestrutura", comentou.

O protagonismo do mercado de capitais na recuperação da economia brasileira foi destacado pelo presidente da CVM. "Com papel importante e crescente na economia real e na atração de investimentos, o mercado de capitais provoca impactos profundos na sociedade, na geração de empregos e na vida das pessoas", disse.

Eventos simultâneos

Paralelos ao congresso, realizamos quatro eventos na Bienal: o 6º Seminário de Private Banking, voltado para os players do segmento; o Seminário Como Investir em Você, com foco em universitários; o Seminário Carreiras, destinado aos profissionais certificados; e o Workshop de Autorregulação de Fundos, que teve como público-alvo profissionais das áreas de Risco e Compliance. Confira a cobertura completa de todos os eventos nas próximas páginas.

Congresso em números

cerca de **1,7 mil** participantes



10 palestrantes internacionais



16 painéis e palestras



4 eventos paralelos



16 horas de programação



28 patrocinadores



186 matérias na imprensa



8 apoios institucionais



103 palestrantes nacionais



Agenda da indústria de fundos

A evolução da indústria de fundos passa pela diversificação. A constatação é do nosso vice-presidente Flavio Souza, que participou do debate sobre os fatores que impactam o modelo de negócios da indústria. No Brasil, 65% das aplicações em fundos estão concentradas em renda fixa, contra uma média de 24% da indústria mundial. "É a síndrome do extrato no final do mês. O cliente vê que ganhou 1% e fica feliz", disse ele sobre a preferência pela renda fixa.

Para Carlos Ambrósio, nosso vice-presidente, a queda da taxa de juros e da inflação

tende a estimular a diversificação. O movimento pode ser semelhante ao que aconteceu nos tempos de taxa de juros a um dígito, em 2012 e 2013. "Será de maneira mais rápida, o investidor já sabe o caminho e o que buscar", afirmou.

Outra tendência para a indústria é a plataforma aberta, por meio da qual a instituição distribui fundos geridos por terceiros. "As instituições que lutarem contra vão perder espaço", disse Daniel Maeda, superintendente da CVM.



Da esq. para dir.: José Carlos Doherty (ANBIMA), Carlos Ambrósio (Claritas e ANBIMA), Carlos André (BB DTVM e ANBIMA), Dan Waters (ICI), Daniel Maeda (CVM) e Flavio Souza (Itaú Unibanco e ANBIMA)

A relação do brasileiro com dinheiro e investimento



Da esq. para a dir.: Raquel Ferreira (Nielsen), Fabiano Coura (agência R/GA), Bruno Azevedo e Taís Nicoletti (consultoria Na Rua) e Aquiles Mosca (Santander Asset Management e ANBIMA)

Em parceria com a consultoria Na Rua, fizemos uma pesquisa com mais de 400 pessoas em quatro capitais do país para entender como as pessoas se relacionam com dinheiro. Foram identificados cinco perfis: despreocupado, camaleão, construtor, sonhador e planejador. Confira as características de cada um deles: <https://goo.gl/QTVELQ>.

"Para saber por que poupamos pouco, temos que entender quem somos", falou Aquiles Mosca, presidente do Comitê de Educação de Investidores, que debateu os resultados da pesquisa em mesa-redonda com

especialistas em hábitos de consumo.

Mas como a indústria de investimentos pode se comunicar com pessoas com anseios e necessidades tão diferentes? Na visão de Fabiano Coura, líder da operação da agência R/GA no Brasil, o mundo nunca produziu tanta informação e os big datas dos bancos oferecem inúmeras possibilidades. "Temos quase que uma obrigação de usarmos essa informação para ter uma comunicação mais sensível. A gente acha que mídia de massa resolve tudo, o que é equivocado", falou.

Dyogo Oliveira, ministro do Planejamento



Henrique Meirelles, ministro da Fazenda



Wagner Murgel (Fator e ANBIMA) foi palestrante do Workshop de Autorregulação e falou sobre a evolução do Código de Fundos



Charles Duhigg, repórter e autor de best-sellers



José Carlos Doherty, superintendente-geral da ANBIMA, na abertura do Seminário Como Investir em Você



Da esq. para a dir. os membros da Diretoria da ANBIMA: Flavio Souza (Itaú Unibanco), Luiz Sorge (BNP Paribas), Conrado Engel (Santander), Celso Scaramuzza (Bozano), Carlos Ambrósio (Claritas) e Alenir Romanello (Caixa)



Estudantes e profissionais certificados acompanharam palestra de Max Gehringer



Henrique Meirelles, ministro da Fazenda, e Robert van Dijk



A jornalista Maria Tereza Gomes com Vanessa Lobato (Santander), Jorge Maluf (Korn Ferry) e Luiz Butori (Itaú Unibanco). Eles participaram de discussão do Seminário Carreiras



Mario Sérgio Cortella, filósofo e educador



A prevenção contra lavagem de dinheiro foi debatida por Sergio Jurandy (Coaf), Marcus Vinícius de Carvalho (CVM), Antônio Juan Cunha (Banco Central) e Ricardo Döllinger (BNP Paribas)



Leonardo Pereira, presidente da CVM



Ricardo Mizukawa (Bram e ANBIMA) falou sobre os desafios dos fundos estruturados em Workshop de Autorregulação



Evento inovou na estrutura e realização de encontros simultâneos



João Albino Winkelmann (Bradesco e ANBIMA) na abertura do 6º Seminário de Private Banking



Tendências para a indústria de fundos



Da esq. para a dir.: Neil Isford (IBM), Amin Rajan (Create-Research), Guilherme Horn (Accenture) e Armando Senra (BlackRock)

Mais do que inserir em seus processos inovações como big data, blockchain, robótica e inteligência artificial, o segmento precisa de um novo perfil de profissionais. Para o diretor-executivo da BlackRock, Armando Senra, o desafio atual das gestoras é contratar pessoas com qualificações como inteligência e aprendizado cognitivos. "A máquina não vai substituir os gerentes de carteira, haverá uma intersecção de humanos e máquinas para dar escala à capacidade humana por meio dessas ferramentas. Precisamos

transformar nossas empresas para não ficarmos para trás", afirmou Senra.

Para o gerente-geral de Soluções Cognitivas da IBM, Neil Isford, o ganho de escala é uma oportunidade para países como Brasil e Índia aumentarem o número de clientes que investem em fundos. "À medida que a tecnologia cognitiva tornar as coisas mais acessíveis derrubará as barreiras para que investidores de renda fixa façam investimentos mais sofisticados e até procurem aconselhamento", disse.

Sustentabilidade



Da esq. para a dir.: Denise Pavarina (Bradesco), Curtis Ravenel (TCFD), Guilherme Setubal (Duratex), Roberto Reis (Santander) e Scott Piper (Itaú USA Asset Management)

A redução das taxas de juros deve aumentar a relevância da análise de risco socioambiental e de mudanças climáticas na precificação das empresas. "Com a queda dos juros, será necessário correr mais riscos para fazer bons investimentos. Nesse contexto, a inclusão do risco ambiental nas análises de investimento deve fazer parte da visão estratégica dos gestores", afirmou Denise Pavarina, diretora do Bradesco e ex-presidente da ANBIMA.

Scott Piper, gestor da Itaú USA Asset Management, disse que os investidores que mais demandam fundos de ações brasileiras com critérios ASG são os estrangeiros, uma vez que costumam ter horizonte de mais longo prazo.

Internacionalmente, há um movimento em prol da transparência e da divulgação de informações relacionadas ao risco ambiental: é a TCFD (Task Force on Climate-Related Financial Disclosures), força-tarefa criada pelo FSB (Conselho de Estabilidade Financeira) e apresentada no painel. Seu objetivo é estabelecer recomendações sobre a divulgação de informações relacionadas ao clima. Outra meta é melhorar a compreensão sobre a exposição do setor financeiro aos riscos climáticos. "O risco de mudanças climáticas é real e já está presente hoje. Precisamos engajar a alta gestão das companhias a discuti-lo e a divulgá-lo", afirmou Curtis Ravenel, membro da TCFD.

Fintechs

"Em cinco anos, o dinheiro mudará de mãos." A previsão de Guga Stocco, head de Estratégia e Inovação do Banco Original, é baseada na mudança de hábitos provocada pelo uso das novas tecnologias, especialmente aquelas oferecidas pelas fintechs. Para ele, os mercados bancário e financeiro não acompanharam a velocidade das mudanças, o que abriu espaço para fintechs. "Há uma quebra de paradigmas que nos obriga a repensar o funcionamento dessa indústria", disse.

Os diversos estágios da relação das fintechs com as

instituições financeiras foram mencionados por Marcelo Maisonnave, sócio da Warren Gestão de Recursos. A primeira geração dessas startups chegou ao mercado como forte opositora ao sistema bancário; a segunda propôs uma existência à parte; a terceira, e atual, sugere a conexão entre os dois setores.

"Os bancos vão aprender a conviver com as fintechs, mantendo sua importância clara no mercado, mas cooperando com essas empresas", explicou Maisonnave.



Da esq. para a dir.: Guilherme Horn (Accenture), Brandon Wheeler (Vanguard Advisers), Guga Stocco (Banco Original) e Marcelo Maisonnave (Warren)

Previdência

A redução no número de pessoas com carteira assinada e o aumento de profissionais autônomos levam a uma transformação radical no mercado de trabalho. "O grande desafio é estimular estes trabalhadores a poupar para o futuro", afirmou José Roberto Afonso, economista e professor do IDP (Instituto Brasileiro de Direito Público). "Há um potencial enorme para expansão da previdência privada entre aqueles que não têm carteira assinada. Não se trata de previdência complementar; para muitos é a única chance de

ter aposentadoria", falou o economista.

Atualmente, há R\$ 700 bilhões aplicados em previdência fechada e R\$ 700 bilhões na aberta. "Na aberta somos [os gestores] cobrados para alongar as carteiras, mas a quantidade de saques é grande, não há liquidez. Na fechada temos o caráter regulatório, que inibe novos entrantes", explicou Luiz Sorge, nosso diretor. A necessidade de a regulação acompanhar a evolução do mercado foi consenso entre os painelistas. "Precisamos nos antecipar", disse Afonso.



Da esq. para a dir.: Luiz Sorge (BNP Paribas e ANBIMA), José Roberto Afonso (IDP), Sérgio Cutolo (BTG Pactual e ANBIMA) e Vinicius Albernaz (Bram e ANBIMA)

▶ Valdecyr Gomes (Brasprev e ANBIMA), Otávio Yasbek (Yasbek Advogados) e Rubens Vidigal Neto (Perlman, Vidigal e Godoy) integraram painel sobre a responsabilidade dos agentes frente aos desafios jurídicos da indústria



▶ Robert van Dijk, presidente da ANBIMA, durante a cerimônia de abertura do congresso



▶ Maria Eugênia López (Santander e ANBIMA) no início das discussões do 6º Seminário de Private Banking



▶ Cerca de 1,7 mil pessoas circularam pela Bienal de São Paulo durante o evento



▶ Leandro Secunho (Tesouro Nacional) e Régio Martins (B3) falaram sobre ETF de renda fixa apoiado pelo Tesouro



▶ Max Gehringer, consultor de gestão e carreiras



▶ Demóstenes Pinho (Brasil Warrant) e Carlos André (BB DTVM e ANBIMA) participaram do Workshop de Autorregulação

▶ Entrega de troféus aos vencedores do Prêmio ANBIMA de Mercado de Capitais aconteceu durante o congresso



▶ O diretor José Eduardo Laloni (ABC Brasil e ANBIMA) e José Carlos Doherty (ANBIMA)



Financiamento de longo prazo



Da esq. para a dir.: Vinicius Carrasco (BNDES), Marcelo Allain (Secretaria de Articulação para Investimentos e Parcerias PPI), Luiz Chrysostomo (Neo Gestão de Recursos e ANBIMA) e Cláudio Frischtak (Inter B.)

A solução para o problema do financiamento dos projetos de infraestrutura, na medida em que crescem as restrições orçamentárias do BNDES, envolve diversas fontes, incluindo maior relevância do mercado de capitais, fundos estruturados, projetos com riscos mitigados e com taxa adequada de retorno para o investidor. "Este é, talvez, o mais importante tema do momento, dada a necessidade de recursos para os projetos de infraestrutura", comentou Luiz Chrysostomo, nosso diretor.

O presidente da consultoria Inter.B, Cláudio Frischtak, destacou que, em 2014, 73% dos recursos para financiamento

saíram do BNDES e 10,9% de debêntures de infraestrutura, incentivadas ou não.

O diretor do BNDES responsável pela área de Planejamento e Pesquisa, Vinicius Carrasco, destacou a relevância da nova TLP (Taxa de Longo Prazo), que substituirá a TJLP (Taxa de Juros de Longo Prazo) como parte das medidas para atrair funding para a infraestrutura. "Não há, no mundo, nenhum banco que financia a um custo menor do que o custo de capital. A TLP vai corrigir esta distorção e, no longo prazo, ajudará a atrair funding privado para os projetos", comentou.

Gestão ativa e passiva



Da esq. para a dir.: Marcelo Giufrida (Garde Asset), Luciane Ribeiro (Banco Alfa), Ankul Daga (Vanguard) e Amin Rajan (Create-Research)

A discussão sobre qual tipo de gestão é mais vantajosa ao investidor deve ganhar força no Brasil, impulsionada pela queda dos juros. Os investidores, hoje acostumados aos elevados retornos de fundos passivos (como os fundos DI), podem ser levados a buscar rendimentos mais polpudos em investimentos mais arriscados e/ou fundos ativos.

Amin Rajan, diretor-presidente da Create-Research, disse que os fundos de ações passivos vêm despontando nos últimos cinco anos e atraindo recursos, enquanto os ativos falharam em alcançar seus benchmarks e perderam atratividade, especialmente nos Estados Unidos.

No Brasil, os fundos passivos são a maioria do mercado porque o ativo livre de risco (títulos do Tesouro Nacional) já paga juros muito elevados, sendo necessário correr muito mais risco para obter retornos extras, acredita Marcelo Giufrida, sócio da Garde Asset e ex-presidente da ANBIMA. Para Luciane Ribeiro, diretora do Banco Alfa, as duas gestões têm seu espaço. "Por conta da esperada queda dos juros, será mais importante decidir em qual classe de ativo aplicar, em vez de discutir se a gestão será ativa ou passiva." Ela espera que os investidores reduzam a aversão a risco e migrem para fundos multimercados e de ações.

Internacionalização

Argentina, Chile, Colômbia, Peru e México, além do Brasil, farão parte de passaporte regional de fundos de investimento. O projeto está em desenvolvimento pela BRAiN (Brasil Investimentos e Negócios) com o apoio do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento).

Alfredo Sneyers, sócio líder da PwC, explicou que o mecanismo busca facilitar a distribuição de fundos. "O que se pretende é aumentar o número de opções para os investidores, reduzir custos e aumentar a eficiência

do mercado de fundos da região", destacou. Além do passaporte, há estudos para a criação dos títulos LDR (Latin American Depositary Receipts) e LDN (Latin American Depositary Notes). Para esta iniciativa, Carlos Massaru, presidente da BRAiN e consultor sênior da BlackRock, contou que foram identificadas as barreiras e realizadas entrevistas com os players dos países a fim de buscar um modelo que fosse viável. A estimativa é que o projeto seja instituído em até dois anos.



Da esq. para a dir.: Carlos Massaru (BRAiN e BlackRock), Alfredo Sneyers (PwC), Denise Voss (Alfi) e Camille Thommes (Alfi)

Cases de sustentabilidade

A maior disseminação do uso de critérios ASG (ambientais, sociais e de governança) no processo de avaliação de investimento depende de dois fatores: maior conhecimento e demanda pelo investidor e divulgação de informações por parte das empresas. As assets do Santander, do Itaú e do Bradesco apresentaram suas experiências em painel que aconteceu durante o congresso.

A Santander Asset Management lançou o fundo Ethical em 2001. Luzia Hirata, analista responsável pelas avaliações ASG, contou que a metodologia de análise foi criada há 16 anos e, no início, alguns setores sequer eram considerados,

como álcool e armamento. Com o desenvolvimento da metodologia, tornou-se possível perceber quais são os impactos das atividades para o fundo. Já na Itaú Asset, a análise começou em 2004 com o lançamento do fundo Fies (Fundo Itaú de Excelência Social). Atualmente, a maioria dos fundos da asset é coberta pela análise de ASG.

Raquel Costa, analista ASG da Bram, falou sobre governança. "Analisamos 100% das assembleias das empresas em que temos participação. Olhamos se há aspectos sociais e ambientais que permeiam as decisões da companhia", explicou a executiva.



Da esq. para a dir.: Tatiana Itikawa (ANBIMA), Luzia Hirata (Santander Asset Management), Renato Eid (Itaú Asset) e Raquel Costa (Bram)

Fontes de financiamento para o setor imobiliário



Da esq. para a dir.: Reinaldo Lacerda (Votorantim Asset Management e ANBIMA), Alexandre Machado (Hedge Investments), Celso Petrucci (Secovi), Filipe Pontual (Abecip) e Luís Fernando Mendes (CBIC)

A necessidade de estimular fontes alternativas para o financiamento do setor imobiliário ganha relevância por conta do impacto da crise econômica na captação de recursos destinados ao setor. A poupança vem perdendo recursos ano a ano, e o FGTS também vê reduzida sua capacidade de atender à demanda. Possíveis alternativas são os fundos estruturados.

"O setor imobiliário representa algo entre 8,5% e 9% do PIB, a cadeia produtiva recolhe quase R\$ 115 bilhões em impostos e as companhias empregam 13% da mão de obra do país",

destacou Reinaldo Lacerda, presidente do nosso Comitê de Produtos Financeiros Imobiliários.

Alexandre Machado, sócio da Hedge Investments, chamou a atenção para a necessidade de desenvolvimento dos fundos imobiliários como alternativa para financiar o setor. Para ele, os juros altos são os maiores competidores dos fundos. "Quando cair a um dígito, os fundos serão mais interessantes. No ano passado, o Ifix, subiu 32% e ainda tem espaço para avançar", disse Machado.

O debate político e a retomada do crescimento



Da esq. para a dir.: Christiane Pelajo (jornalista), José Anibal (Instituto Teotônio Vilela), Eduardo Loyo (BTG Pactual) e João Augusto Neves (Eurasia)

Com o andamento e os desdobramentos da operação Lava-Jato, as eleições presidenciais de 2018 ainda são uma incógnita, mas tendem a ser uma briga entre o novo e o velho, sem a tradicional polarização de direita e esquerda. Para João Augusto Neves, diretor da consultoria de risco político Eurasia, é possível que a corrida presidencial comece com diversos candidatos e termine como "um jogo de resta 1" por efeito da Lava-Jato, e não necessariamente pela escolha das urnas.

José Anibal, ex-senador e presidente do Instituto Teotônio Vilela, reforçou o coro de que tudo ainda é imprevisível. "Em setembro de 1993, o Fernando Henrique Cardoso achava que não se candidataria nem para deputado federal no ano seguinte. E virou presidente", lembrou.

Para Eduardo Loyo, sócio e economista-chefe do Banco BTG Pactual, não há como prever o desempenho da economia com a candidatura de uma ou outra pessoa.

SEGMENTO PRECISA DE UMA TRANSFORMAÇÃO INTERNA E CULTURAL



Da esq. para a dir.: Guilherme Horn (Accenture), Aquiles Mosca (Santander Asset Management e ANBIMA) e Marcos Ribas (Ernst & Young)

Como as mudanças tecnológicas impactam o atendimento dos clientes do private banking? As principais tendências do segmento são modelos híbridos com tecnologias que aliam atendimento robotizado ao tradicional consultor financeiro, além do foco nos clientes da geração millennial. Essas foram as principais conclusões do 6º Seminário de Private Banking, evento que aconteceu paralelamente ao 9º Congresso de Fundos de Investimento, no dia 10 de maio. Mais de 170 pessoas participaram do encontro, que contou com painéis sobre pós-regularização de recursos no exterior e novos desafios na forma de atendimento.

Para acompanhar as tendências, o setor precisa de transformação interna e cultural. "Muitas vezes a empresa é digital do lado de fora, mas com planilha e tela verde do lado de dentro", explicou Marcos Ribas, diretor de Digital e Inovação da Ernst & Young, referindo-se aos antigos programas de computador. Enquanto companhias como o Facebook lançam mão de soluções baseadas em algoritmos e inteligência artificial, o setor financeiro ainda está longe desse patamar. Para o diretor de Inovação da Accenture, Guilherme Horn, o desafio na indústria de private não é tecnológico, é cultural. "O desenvolvimento das plataformas tem que ser baseado na experiência dos clientes", explicou Horn.

Totalmente adaptada a essas ferramentas e tecnologias, a geração millennial é outro desafio que bate à porta do private. Horn afirmou que esse público espera que as instituições financeiras proporcionem experiências digitais com a mesma qualidade de outros segmentos, como artes e entretenimento.

Outro tema na pauta do private é o RERCT (Regime de Regularização Cambial e Tributária) para regularização de ativos (bens, valores, créditos e direitos) não declarados no exterior. A primeira edição do regime aconteceu no ano passado e arrecadou cerca de R\$ 64 bilhões, valor inferior ao de programas similares em países

da América Latina como Argentina e Colômbia, explicou Elisabeth Libertucci, advogada do Trench Rossi Watanabe. Ela acredita que parte do fracasso em arrecadação se deve a lei ser considerada por muitos juristas como lei penal com desdobramento tributário, e não o contrário, uma vez que a regularização cabe apenas para recursos lícitos.

A segunda edição do RERCT está em curso, mas com pouca adesão até o momento. "É a mesma lei, com o prazo prorrogado e alíquota maior. Então, o que incentivaria quem não aderiu ao primeiro?", questionou o tributarista Alessandro Amadeu da Fonseca, da Mattos Filho Advogados, destacando ainda o aumento na taxa cambial nesta etapa.

A expectativa do mercado é que tudo isso possa ser "corrigido" em um RERCT 3. "Alguns países possuem programas permanentes de regularização; eu também acredito que haja a RERCT 3", explica José Henrique Longo, da PLKC Advogados, ao defender a possibilidade de uma nova edição da lei.



Da esq. para a dir.: Sérgio Aguiar (jornalista), Fabrício Dantas (Vinhas e Redenschi Advogados), Elisabeth Libertucci (Trench Rossi Watanabe), José Henrique Longo (PLKC Advogados) e Alessandro Amadeu (Mattos Filho)

POR QUE POUPAR É TÃO DIFÍCIL?



▶ Martin Iglesias (Itaú Unibanco e ANBIMA) deu dicas para compreender melhor os investimentos

O ser humano prefere um pequeno benefício no presente a uma conquista maior no futuro. Esse é o grande dilema que impede as pessoas de poupar e foi o mote do Seminário Como Investir em Você, evento voltado para universitários que aconteceu paralelamente ao congresso, no dia 11 de maio.

"Poupar não é só para milionários. Não importa se você investe R\$ 50, R\$ 100 ou R\$ 100 mil. Investir é para todos, é democrático", disse José Carlos Doherty, nosso superintendente-geral, na abertura do evento.

Martin Iglesias, vice-presidente do nosso Comitê de Educação de Investidores, falou sobre a dificuldade para guardar dinheiro, pois é preciso autocontrole no presente. "É tão mais fácil poupar o salário do mês que vem", afirmou. Essa dificuldade tem explicação científica: a área do cérebro que pensa no presente é mais recente e é dez vezes mais fraca do que a parte impulsiva.

Segundo Aquiles Mosca, presidente do Comitê de Educação de Investidores, "se a hipótese de que somos animais totalmente racionais fosse verdade, o mercado seria equilibrado, o que não é verdade. Há apenas certa racionalidade, o que gera imperfeições e, portanto, oportunidades para ganhos", resumiu, lembrando que as teorias econômicas não explicam 75% das decisões financeiras.

▶ Aquiles Mosca (Santander Asset Management e ANBIMA)



▶ O coreógrafo e consultor financeiro Fly contou de forma bem humorada como saiu do super endividamento



▶ José Alexandre Vasco (CVM) apresentou aos universitários um pouco sobre a autarquia

Para driblar esse comportamento, há alguns mecanismos de defesa. A famosa planilha de gastos é um deles. No entanto, para não se tornar uma atividade cansativa, Iglesias sugere que seja feita apenas com o registro dos gastos vilões: vestuário, eletroeletrônicos, lazer, alimentação. Separar o dinheiro contado para cada finalidade também funciona. A disseminação dos aplicativos pode ajudar nessa prática. Uma alternativa para controle financeiro é a programação de aplicações automáticas. Assim que o salário cai na conta, o dinheiro destinado a investimentos sai imediatamente para a aplicação. "Se a pessoa poupa só o que sobra, nunca poupará. Se você guarda antes de começar a gastar, a coisa se inverte", explica o executivo.

Além das palestras de Mosca e de Iglesias, os universitários conheceram um pouco da regulação do mercado no bate-papo com Alexandre Vasco, superintendente de Proteção e Orientação aos Investidores da CVM; assistiram à palestra de Max Gehring, consultor de gestão e carreira; e puderam acompanhar a história bem-humorada do coreógrafo e consultor financeiro Fly Wagner, que ganhou muito dinheiro, caiu no super endividamento e deu a volta por cima.

PARA UMA CARREIRA BEM-SUCEDIDA, O DIFERENCIAL É ENTENDER AS PESSOAS

A educação técnica e continuada, a valorização do processo de aprendizado e a capacitação para entender e lidar com pessoas são características essenciais aos profissionais que trabalham nos mercados financeiro e de capitais. Esse foi o mote do Seminário Carreiras, destinado a profissionais com certificações CPA-10 (Certificação Profissional ANBIMA – Série 10), CPA-20 (Certificação Profissional ANBIMA – Série 20), CEA (Certificação de Especialistas em Investimentos ANBIMA) e CGA (Certificação de Gestores ANBIMA). O evento foi realizado simultaneamente ao congresso, no dia 11, e reuniu cerca de 100 pessoas.

Ana Leoni, superintendente de Informações Técnicas e de Educação, destacou a importância do processo preparatório, que em média leva de três a seis meses. "O período que antecede a prova também é muito relevante. Na essência, o que importa é o conhecimento adquirido antes e depois do exame", explicou.

Com 26 anos de experiência no mercado financeiro, o presidente da Planejar, Jan Karsten, defendeu que o conhecimento técnico deve ser contínuo e afirmou que os profissionais precisam valorizar o networking e o feeling ao lidar com as pessoas. "É necessário entender quem é o tomador de decisão da família e quem exerce influência sobre ele. São leituras a serem feitas nas entrelinhas", orientou.

Na visão de Karsten, a carreira no mercado financeiro é uma das mais longas, mas é preciso atenção às novidades. As fintechs, por exemplo, podem representar uma ameaça

Da esq. para a dir.: Maria Tereza Gomes (jornalista), Ana Leoni (ANBIMA), Jan Karsten (Planejar) e Martin Iglesias (Itaú Unibanco e ANBIMA)



àqueles que focam apenas em investimento e em produto. "É importante ter uma rede de relacionamento a que possa oferecer produtos convenientes a cada perfil", completou.

Entretanto, engana-se quem pensa que conhecimentos em tecnologia são dispensáveis. Para Martin Iglesias, vice-presidente do Comitê de Educação de Investidores, o planejador do futuro deve saber usar as tecnologias para conversar com os clientes de forma mais ágil. "É preciso aprender e evoluir no uso da tecnologia para processos e para acompanhamento de clientes", disse Iglesias. Ele recomendou a constante leitura sobre investimentos e sobre comportamento humano. "A parte técnica muda, por isso é importante a atualização constante, mas não é isso que diferencia os bons profissionais. O diferencial é entender de pessoas", afirmou.

Esses e outros desafios impostos aos profissionais também foram discutidos em mesa-redonda com representantes de RH de instituições financeiras e de empresas de recrutamento. O debate teve participação de Vanessa Lobato, do Santander; Jorge Maluf, da Korn Ferry; e Luiz Butori, do Itaú Unibanco, com moderação da jornalista Maria Tereza Gomes.

O dia de discussões com os profissionais certificados contou, ainda, com palestra de Max Gehring, consultor de gestão e carreira, e bate-papo sobre carreira com Denise Pavarina, diretora do Bradesco e ex-presidente da ANBIMA.



▶ Denise Pavarina (Bradesco) conta sua trajetória profissional com Eliana Marino, gerente de RH



Publicação mensal com as principais notícias institucionais da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais
www.anbima.com.br

Redação: Flávia Nosralla e Paula Diniz
Edição: Marineide Marques
Diagramação: José Carlos Oliveira

Rio de Janeiro: Av. República do Chile, 230 – 13º andar – CEP 20031-170 – Tel: + 21 3814 3800
São Paulo: Av. das Nações Unidas, 8501 – 21º andar – CEP 05425-070 – Tel: + 11 3471 4200

Presidente: Robert van Dijk

Vice-Presidentes: Carlos Ambrósio, Conrado Engel, Flavio Souza, José Olympio Pereira, Márcio Hamilton, Pedro Lorenzini, Sérgio Cutolo e Vinícius Albernaz

Diretores: Alenir Romanello, Carlos Salamonde, Celso Scaramuzza, Felipe Campos, Fernando Rabello, José Eduardo Laloni, Julio Capua, Luiz Chrysostomo, Luiz Fernando Figueiredo, Luiz Sorge, Richard Zillotto, Saša Markus e Vital Menezes

Conselho de Ética: Luiz Masagão Ribeiro (presidente) e Lywal Salles Filho (vice-presidente)

Comitê Executivo: José Carlos Doherty, Ana Claudia Leoni, Guilherme Benaderet, Patrícia Herculano, Marcelo Billi, Soraya Alves e Eliana Marino

REVISÃO DO CÓDIGO DE FUNDOS DEIXARÁ MAIS CLARO O PAPEL DE CADA AGENTE

Um dos destaques da autorregulação em 2017 é a revisão do Código de Fundos. Segundo Wagner Murgel, membro do Comitê de Fundos de Renda Fixa & Multimercados e da Comissão de Fundos, a principal preocupação é separar as atividades de cada participante da indústria. "Precisamos deixar mais claros os papéis da administração fiduciária e da gestão, com foco na conduta dos agentes, de forma a orientar sobre o que fazer e como se comportar", explicou.

A novidade foi apresentada no Workshop de Autorregulação, que aconteceu paralelamente ao congresso. O evento reuniu profissionais de diversas áreas, principalmente de Compliance e de Risco, com o objetivo de apresentar a atuação e as novidades da autorregulação de fundos. Foram 86 participantes, que assistiram a seis painéis no dia 11 de maio.

De acordo com o superintendente de Supervisão de Mercados, Guilherme Benaderet, "o olhar para o aprimoramento das regras de autorregulação e das formas de atuação da supervisão é permanente, sempre acompanhando as mudanças da regulação e o dinamismo do mercado, com o objetivo de fortalecê-lo".

O código foi lançado em 2000 e, desde então, tem sido atualizado frequentemente, acompanhando a evolução da indústria. Murgel destacou que, desde a primeira versão, o código busca segregar as responsabilidades e papéis que cabem a administradores, gestores e distribuidores, abordagem que tende a ser aprofundada com a revisão.

Outro assunto no radar é a revisão das práticas para seleção de prestadores de serviços por parte dos gestores de FIDCs (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios). Ricardo Mizukawa, presidente do Comitê de FIDC, comentou que, atualmente, um dos esforços do grupo é tratar da figura do consultor, atividade que ainda não está subordinada às regras da CVM. Além disso, disse que a ANBIMA vem trabalhando



Guilherme Benaderet, superintendente da ANBIMA, apresentou nosso modelo de autorregulação

para deixar mais claras as responsabilidades dos agentes envolvidos na emissão de um FIDC. Luiz Chrysostomo, diretor e presidente do Conselho de FIP, falou sobre a autorregulação dos FIPs (Fundos de Investimento em Participação). Comentou sobre as Instruções 578 e 579 da CVM e o processo de adaptação das instituições às regras. Segundo ele, uma revisão no Código de FIP/FIEE também está prevista para este ano.

A Instrução CVM 558 também foi tema de debate durante o evento. Com a vigência da regra, a qual permite que gestores distribuam seus próprios fundos, muitas instituições aderiram ao capítulo de distribuição do nosso Código de Fundos. No segundo semestre, esses gestores serão submetidos a supervisão. "O monitoramento terá caráter educativo", explicou Fábio Monteiro, coordenador de Supervisão de Mercados de Distribuição, Negociação e Serviços Qualificados.

Marcelo Giufrida, CEO da Garde Asset e ex-presidente da ANBIMA, participou do evento e comentou a experiência da empresa no processo de adaptação à atividade de distribuição. Ele destacou a mudança na relação do administrador com os demais prestadores de serviços dos fundos. O painel contou também com nosso diretor e presidente do Conselho de Certificação, Luiz Sorge, que tratou da importância das

certificações nas atividades de gestão e distribuição, bem como na preparação técnica dos profissionais.

O evento contou, ainda, com a participação de Carlos André e de Demóstenes Pinho, presidentes da Comissão e do Conselho de Fundos, respectivamente. Ambos explicaram as funções desses organismos na supervisão, falaram sobre os principais temas tratados nas reuniões oriundas das investigações e apresentaram as estatísticas dos processos instaurados.



O papel do gestor como distribuidor de seu próprio fundo foi tema de um dos painéis

MUITO OBRIGADO!

A ANBIMA agradece a todos os parceiros que acreditaram no maior evento da indústria de fundos

Especial



Café Point



Patrocinador Platinum



Patrocinador Gold



Patrocinador Silver



Até o próximo!



CONGRESSO
DE FUNDOS DE
INVESTIMENTO

ANBIMA

www.congressodefundos.com.br